
A PELE MORTA

# Apresentação

A Pele Morta é um longa-metragem de ficção dirigido por Denise Moraes e Bruno Fatumbi Torres que acompanha uma viagem pelas fronteiras vivas e invisíveis da América Latina.

No centro da narrativa está Saulo, um jovem guarani-kaiowá, rapper que transforma em rima a memória e a luta de seu povo. Marcado pelo luto recente pela morte do irmão, ele aceita trabalhar para Justo, um caminhoneiro uruguaio que atravessa um momento de ruptura depois de ser despejado da oficina mecânica onde trabalhou durante décadas.

Juntos, eles partem pelas estradas do interior do Paraguai a bordo do velho caminhão “Nuestra América”, em busca de trabalho. No caminho, encontram Rosario, uma jovem paraguaia que carrega uma mochila e uma antiga carta da irmã, de quem não tem notícias há muito tempo.

A viagem transforma o caminhão em espaço de encontro entre três pessoas atravessadas por perdas, deslocamentos e desejos. Entre estradas e fronteiras, Saulo, Justo e Rosario constroem, aos poucos, uma convivência marcada pela solidariedade, pelo companheirismo e pela busca por aquilo que ainda os move.


BLACK
BULLS

A Pele Morta constrói uma narrativa atravessada pela diversidade linguística e cultural da América Latina. O filme percorre fronteiras geográficas e também aquelas que são invisíveis: as fronteiras do pertencimento, da memória, do luto e da identidade.

Como a pele morta que permanece como vestígio, o passado acompanha os personagens durante toda a viagem. Mas a estrada também aponta para a possibilidade de seguir adiante.






# Sinopse

Em meio ao luto pela morte do irmão, Saulo, um jovem rapper guarani-kaiowá, já não vê mais sentido em cantar. Ele aceita trabalhar para Justo, um solitário caminhoneiro de origem uruguaia despejado da oficina mecânica que ocupou por décadas na fronteira brasileira. Em busca de fretes, os dois partem pelas estradas do interior do Paraguai a bordo do velho e resistente "Nuestra América". Quando finalmente conseguem serviço transportando uma mudança com destino ao Chaco, eles dão carona a Rosario, uma obstinada jovem paraguaia que leva consigo uma carta da irmã, de quem não tem notícias há muito tempo. A convivência entre os três enche de vida a boleia do caminhão, enquanto a viagem atravessa as fronteiras invisíveis de uma América Latina em movimento.

# Personagens

Justo
Saulo
Rosario

# Ficha Técnica

Ano: 2026
Duração: 82 minutos
Direção: Denise Moraes e Bruno Fatumbi Torres
Roteiro: Daniel Tavares
Produção: Solange Souza Lima Moraes - Sol Moraes
Produção Executiva: Tati Guimarães, Emerson Rodrigues e Solange Souza Lima Moraes - Sol Moraes
Direção de Fotografia: Antônio Luiz Mendes
Diretor de Arte: Carlo Spattuza
Direção de Som: Fernando Cavalcante
Direção de Produção: Marcela Costa Amanda Nascimento
Elenco Principal: César Troncoso, Luan Iturve, Ivana Gomez.
Atores Convidados: Hebe Duarte e Ever Enciso
Figurinista: Claudia Witener
Fotografia: Biel Gomes
Maquiagem: Ana Pieroni
Supervisão de Finalização: Dirceu Lustosa
Edição de Som: Carlos Gebara.
Produtores Associados: Fabiano Gullane, Caio Gullane e Eva Pereira.
Produtora: Araçá Filmes

# Diretores

Denise Moraes é diretora e roteirista, formada em Cinema pela Université Paris VIII e com mestrado e doutorado pela Universidade de Brasília. Bruno Fatumbi Torres é cineasta, ator, produtor e ambientalista, com mais de 50 prêmios individuais. Em “A Pele Morta”, os irmãos assinam juntos a direção, neste filme em homenagem ao pai cineasta Geraldo Moraes.



# Entrevista

***Como diretora, quais foram as principais escolhas criativas que você sentiu que precisava fazer para que A Pele Morta fosse, ao mesmo tempo, uma homenagem a Geraldo e uma obra construída a partir do seu próprio olhar?***

Acho que a principal escolha foi entender que homenagear nosso pai não significava tentar reproduzir o filme que ele faria, até porque não tivemos tempo de conversar sobre isso com ele. O projeto nasce de uma relação muito forte com o cinema que nosso pai defendia: um cinema político, que valoriza a diversidade da nossa América Latina e que está atento às questões sociais emergentes do nosso tempo.

A partir do momento em que assumimos a direção, eu e meu irmão Bruno também precisamos alinhar nossas perspectivas, que são singulares, para encontrar um modo comum de olhar e contar essa história. Por um lado, procuramos preservar aquilo que reconhecemos como muito ligado à trajetória de nosso pai, especialmente a dimensão política do roteiro de Daniel Tavares e o desejo de refletir sobre essas fronteiras invisíveis que separam a América Latina. Por outro, buscamos construir o filme a partir das nossas próprias escolhas de linguagem e, sobretudo, valorizar a dimensão afetiva da narrativa. Isso aparece principalmente no encontro entre os três personagens, de diferentes nacionalidades, que carregam angústias muito particulares, mas encontram no afeto e na convivência na estrada uma forma de enfrentá-las juntos, pelo coletivo, e também com mais leveza.



Para mim, a homenagem está justamente aí: não tentar fazer o filme que ele faria, mas levar adiante algo que ele sonhou, permitindo que esse imaginário se transforme a partir do nosso próprio olhar. É também uma forma de nos apropriarmos desse projeto e levá-lo para o cinema a partir da nossa sensibilidade, do nosso modo de perceber o cinema e o mundo.

# Entrevista

***O filme trabalha com personagens em trânsito, atravessando fronteiras e enfrentando diferentes formas de deslocamento. Como esse movimento orientou as escolhas de direção e a construção da atmosfera do filme?***

A Pele Morta é um road movie, então a estrada não é apenas o lugar onde a história acontece, ela é parte da narrativa e da transformação dos personagens. A viagem geográfica que eles fazem pela América do Sul é também uma viagem interior: cada um está se deslocando por razões muito particulares, em busca de um lugar de pertencimento. A jornada exterior funciona como uma metáfora para esse processo de autorreconhecimento, de encontrar nosso lugar no mundo, onde nos sentimos úteis e pertencentes.

Isso orientou bastante nossas escolhas de direção. Queríamos que o espectador acompanhasse essa transitoriedade permanente, essa sensação de estar sempre entre um lugar e outro. Por isso, trabalhamos com uma câmera próxima dos personagens, mas também deixamos espaço para a estrada, para as paisagens, para os lugares por onde eles passam e para o caminho que percorrem a bordo do caminhão. A própria boleia vai se transformando ao longo do filme: no começo, é um espaço voltado para o trabalho e marcado por regras, mas, aos poucos, se torna um lugar de convivência, de troca e de intimidade.

Também não queríamos uma viagem idealizada. A estrada que nos interessava era aquela mais cotidiana, das margens das rodovias, dos postos, dos lugares de passagem.



É nesses espaços que as fronteiras se tornam mais permeáveis diante das diferenças culturais e sociais que nos atravessam. A atmosfera do filme nasce muito desse estado de passagem, de pessoas em estados transitórios, mas que acabam encontrando, pelo afeto, umas nas outras, um lugar de pertencimento.

# Entrevista

***Existe uma dimensão muito humana na relação que se estabelece entre Saulo, Justo e Rosário. Como foi conduzir essa transformação da desconfiança inicial para uma relação marcada por afeto e cumplicidade?***

Essa foi uma das coisas que mais nos interessou na direção: construir essa relação aos poucos, deixando aparecer também os conflitos que existem entre os personagens. No início, Saulo e Justo estão juntos por uma relação de trabalho: Justo é o patrão e Saulo, o empregado. Existe, portanto, uma hierarquia muito clara entre os dois. Justo estabelece suas regras e espera que Saulo se adapte à sua maneira de trabalhar e de conduzir a viagem. Mas Saulo não aceita simplesmente ocupar esse lugar de submissão.

Ele tem suas próprias convicções, sua própria maneira de enxergar o mundo e não se deixa enquadrar facilmente pelas regras impostas pelo homem branco.
Em nossa proposta de direção, o personagem de Saulo se tornou o protagonista justamente por ser um indígena do nosso tempo. Ele é rapper, compra um som de “playboy”, interage constantemente com seu celular, mas também transita por referências próprias de sua cultura. Nós não queríamos construir uma representação estereotipada, mas mostrar alguém que vive sua cultura indígena no seu tempo e a ressignifica a partir de suas próprias experiências. Saulo tem uma postura de autonomia e resistência: ele reivindica o direito de ocupar esses espaços sendo quem é, sem abrir mão da sua identidade.
A tensão entre os dois personagens revela diferenças de geração, de origem e de experiência, mas também coloca em confronto duas maneiras muito diferentes de se relacionar com o mundo.



Justo precisa aprender a lidar com alguém que não aceita simplesmente as regras que ele estabelece, e essa convivência vai aos poucos transformando a relação entre os dois. É nesse processo que a relação de trabalho começa a dar lugar a uma relação de confiança e, mais adiante, de afeto.

# Entrevista

Quando Rosário entra nessa relação, ela também chega com sua própria história e suas próprias urgências. Aos poucos, a estrada e a convivência vão transformando a dinâmica entre os três. Eles continuam sendo pessoas muito diferentes, mas começam a se enxergar para além dos papéis que ocupavam no início da viagem. O foco do nosso trabalho como diretores foi valorizar, ao mesmo tempo, os pequenos gestos compartilhados (como dividir um tereré, andar de bicicleta, preparar um jantar, tomar um sorvete) mas também as situações tensas que enfrentam juntos. É a alternância desses momentos, ao longo da viagem, que vai construindo a relação dos três personagem, marcada por afeto e cumplicidade.

***Depois de toda a trajetória do projeto e da experiência de realizá-lo, como você define A Pele Morta hoje: é um filme sobre deslocamento, sobre pertencimento, sobre memória ou justamente sobre a impossibilidade de separar essas coisas?***

Acho que A Pele Morta é, antes de tudo, um filme sobre pertencimento, mas não consigo separar essa ideia do deslocamento e da memória. Talvez seja justamente essa impossibilidade de separar essas coisas que esteja no centro do filme, que tem características próprias de um road movie. Os três personagens estão em trânsito, mas cada um carrega consigo a memória de um lugar, seja ele físico ou afetivo, enquanto percorre a estrada.
Saulo se desloca depois da morte do irmão e, ao se afastar de sua terra, começa a perceber de outra maneira os vínculos que o ligam ao seu povo, à sua cultura e à sua memória.



Justo vive em trânsito, e seu pertencimento é a própria estrada. E Rosário atravessa a fronteira em busca da irmã, movida pela memória da infância e pelo desejo de recuperar esse lugar afetivo.
Então, embora estejam todos se deslocando, a pergunta que acompanha cada um é, de alguma maneira, a mesma: onde é o meu lugar?

# Entrevista

E talvez a resposta não esteja necessariamente em um território físico. Ao longo da viagem, eles vão descobrindo que o pertencimento não é uma condição fixa, mas uma relação que se constrói a partir do vínculo com um lugar e com as pessoas.
Por isso, vejo A Pele Morta como um filme sobre pessoas que estão tentando encontrar um lugar no mundo enquanto carregam aquilo que perderam ou deixaram para trás (a tal “pele morta”). No fundo, acho que é sobre isso: sobre seguirmos em frente sem deixar de carregar conosco aquilo que nos constitui e sobre como os encontros no caminho nos abrem para novas formas de pertencer.

***Depois de tantos anos acompanhando esse projeto e chegar finalmente ao filme concluído, o que você gostaria que permanecesse no espectador depois dos créditos finais?***

Depois de tantos anos acompanhando esse projeto, acho que gostaria que o espectador saísse do filme com um olhar um pouco mais amoroso para a nossa América Latina e seus tantos povos. Que pudesse perceber a riqueza de culturas, de histórias, de línguas e de modos de vida que existem nesse território. O próprio caminhão, chamado “Nuestra América”, atravessa essas fronteiras e nos convida a olhar para esse continente em movimento, a partir de diferentes pontos de observação. A viagem também tem esse sentido para nós. Ao colocar os personagens em trânsito, ela coloca em movimento algumas certezas e ideias fixas que temos sobre a vida, sobre os lugares e sobre as pessoas.



No caminho, as posições vão se transformando, os personagens passam a olhar uns para os outros de outra maneira e aquilo que parecia muito definido no início vai ganhando outras possibilidades.
Foi também uma preocupação nossa como diretores: buscar, por meio das relações entre os personagens, dos pequenos gestos, dos conflitos e dos encontros, produzir sutis transformações.

# Entrevista

Em vez de construir um discurso direto sobre as questões políticas que atravessam o filme, procuramos criar uma experiência que pudesse colocar em movimento o olhar do espectador sobre esse continente e sobre as pessoas que aqui habitam.
Talvez seja isso que eu gostaria que permanecesse depois dos créditos: não uma resposta fechada, mas um olhar um pouco mais disponível para o outro e para a diversidade que existe ao nosso redor. Que a viagem do filme continue de alguma maneira reverberando no espectador, sugerindo que as fronteiras que parecem tão rígidas podem ser atravessadas, deslocadas e, às vezes, até reinventadas.

***Se Geraldo pudesse assistir ao filme pronto hoje, qual seria a primeira coisa que você gostaria que ele percebesse na obra que vocês realizaram?***

A primeira coisa que eu gostaria que ele percebesse é que o filme que realizamos preserva uma ideia de cinema que sempre foi muito importante para ele. Um cinema que olha para a América Latina, que valoriza nossa diversidade e que acredita que o cinema pode ser também uma forma de pensar e transformar a nossa realidade.
Mas eu gostaria também que ele percebesse que o filme não é uma tentativa de continuar exatamente o caminho que ele faria. É o filme que fizemos juntos, eu e meu irmão, com toda a nossa equipe, a partir do que aprendemos com sua trajetória, mas também a partir de quem somos e do nosso próprio olhar sobre o mundo e sobre o Cinema.



Acho que isso é importante porque ele sempre foi muito generoso com os processos dos outros e, como professor e diretor de filmes, tinha essa capacidade de estimular as pessoas a encontrarem seus próprios caminhos artísticos.

# Entrevista

Então, se ele pudesse assistir ao filme hoje, eu gostaria que ele reconhecesse, no filme que fizemos, parte de seu legado, mas que também percebesse que o filme é, no fundo, bastante diferente daquele que ele havia imaginado. Nas artes, cada um constrói seus próprios processos de criação a partir de suas experiências, de suas referências, de suas subjetividades. O que ele sonhou nos atravessa e, nesse processo artístico coletivo, ganhou outras formas e novos sentidos. Acho que essa seria, para mim, a melhor forma de homenageá-lo.



# Entrevista

***O que A Pele Morta provocou de diferente no seu processo criativo como diretor?***

Dirigir um filme que seria dirigido pelo meu pai é uma experiência que, por si só, transforma completamente um processo criativo. Geraldo Moraes era um diretor profundamente interessado pelo Brasil interior e tinha também uma relação muito forte com a América Latina. Esse olhar atravessava sua obra e precisava, de alguma maneira, permanecer em *A Pele Morta*. Foi justamente o desejo de preservar esse DNA que levou Solange a convidar a mim e à minha irmã, Denise, para assumir a direção do filme.
sso nos colocou diante de um exercício muito particular: compreender que não estávamos fazendo simplesmente o nosso filme.

Durante a decupagem e a construção da linguagem, muitas vezes nos perguntávamos como Geraldo olharia para aquela cena, onde colocaria a câmera, que importância daria a determinado gesto ou silêncio. Era preciso deslocar o nosso próprio olhar para tentar reencontrar o dele.
Eu fiz muitos filmes com meu pai, e trabalhar ao seu lado foi uma grande escola para mim. Denise também conhecia profundamente sua maneira de pensar e criar. Havia, portanto, uma memória muito concreta daquele cinema dentro de nós. O processo passou a ser menos uma tentativa de imitá-lo e mais uma busca por acessar um olhar que conhecíamos intimamente e permitir que ele continuasse conduzindo o filme.
Talvez por isso eu não veja A Pele Morta propriamente como um filme meu e da Denise. Para mim, ele é a obra póstuma de Geraldo, seu último filme.



Quando assisto ao resultado, às vezes me impressiona perceber o quanto reconheço meu pai ali. Em muitos momentos, tenho a sensação de que foi ele quem dirigiu o filme.
Essa foi a experiência criativa mais singular para mim: deslocar a minha própria retina para tentar enxergar através da ótica de outro diretor.

# Entrevista

E reencontrar, nesse gesto, a delicadeza com que meu pai olhava para o Brasil e para as relações humanas. *A Pele Morta* carrega essa singeleza ao acompanhar três personagens de gerações e lugares distintos que, cada um à sua maneira, atravessam um processo de renascimento.

***Dividir a direção com Denise em um projeto tão atravessado pela memória de Geraldo Moraes trouxe quais desafios e quais possibilidades para a criação do filme?***

Eu e Denise temos visões de mundo e experiências de vida bastante diferentes. Somos filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes, pertencemos a gerações distintas e nossas trajetórias profissionais também seguiram caminhos próprios. Curiosamente, cada um de nós parece ter herdado uma dimensão diferente do trabalho de Geraldo.

Meu pai tinha três vertentes muito fortes em sua trajetória: a política cultural, a realização cinematográfica e a vida acadêmica. Eu me aproximei muito mais da realização, do desejo de fazer filmes e expressar uma visão de mundo através deles. Denise, embora também tenha dirigido, construiu uma trajetória muito expressiva ligada à UNB como professora, assim como nosso pai Geraldo. E essas diferenças inevitavelmente apareceram na maneira como cada um se aproximava de *A Pele Morta*.

Ainda assim, fizemos tudo juntos: desde questões mais práticas da realização, da decupagem e das escolhas técnicas e artísticas, como até mesmo os processo muito fundamentados de pesquisa, linguagem e reflexão. Conciliar nossas perspectivas, dentro deste contexto, foi desafiador. Tivemos muitos debates, mas havia algo fundamental existindo que compartilhávamos: o desejo de construir um conceito único para o filme e, ao mesmo tempo, permanecer fiéis ao universo cinematográfico de Geraldo.



oi nesse processo que a ideia da fronteira se tornou central para nós. *A Pele Morta* é um filme atravessado por uma fronteira geográfica, mas percebemos que ela poderia existir também dentro dos enquadramentos e das relações. Pensávamos muito na América Latina e nas obras de Eduardo Galeano enquanto construíamos essa linguagem.

# Entrevista

Em vários momentos, o quadro estabelece barreiras entre os dois personagens principais; à medida que a relação se transforma, essas divisões vão se desfazendo e eles passam, progressivamente, a habitar o mesmo espaço, o mesmo quadro.
A codireção acabou sendo também um exercício de aprendizado e abdicação. Era preciso saber defender um olhar, mas também abrir mão dele; reconhecer aquilo que o outro enxergava e que talvez eu não fosse capaz de enxergar sozinho. Fazer cinema já é, por natureza, um processo complexo, e dividir a direção de uma obra com esse peso afetivo tornou tudo ainda mais intenso.

No fim, porém, nossas diferenças se tornaram uma possibilidade criativa. Dois filhos, que herdaram aspectos distintos do mesmo cineasta, precisaram encontrar um olhar comum para concluir o filme que ele não pôde dirigir. Apesar de todos os desafios, conseguimos cumprir essa missão. E é muito bonito poder olhar hoje para *A Pele Morta* e sentir que entregamos a última obra de Geraldo.

***O longa apresenta uma América Latina que muitas vezes permanece fora das narrativas mais conhecidas do cinema. Como vocês buscaram construir esse território sem reduzi-lo apenas a um cenário para a história?***

*As Veias Abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, foi uma referência muito presente para nós.



*Há no pensamento de Galeano essa percepção da América Latina para além das fronteiras que foram estabelecidas entre seus países, como um território atravessado por histórias, violências e experiências comuns. E queríamos que essa ideia estivesse incorporada à própria construção de A Pele Morta.*

# Entrevista

O filme começa em uma aldeia Guarani Kaiowá, em Dourados, Mato Grosso do Sul, e isso já estabelece uma relação muito concreta com o território. Estamos falando de uma região marcada historicamente pela perda de terras indígenas e pela pressão permanente do agronegócio sobre essas comunidades. Portanto, a paisagem nunca poderia funcionar apenas como cenário. Ela carrega uma história e interfere diretamente na existência daqueles personagens.

Saulo nasce desse território, mas sonha em transformar sua vida partindo dele. Há algo muito simbólico em sua trajetória: ele deixa a aldeia, pega a estrada e atravessa fronteiras acreditando que precisa chegar a outro lugar.

Quando finalmente alcança o ponto mais distante dessa viagem, percebe que a transformação que procura é também interior. E então faz o caminho de volta. Para mim, esse movimento contém uma metáfora muito forte da própria América Latina: atravessamos Brasil, Paraguai, Bolívia, mas continuamos percorrendo um território que, de muitas maneiras, compartilha as mesmas feridas, contradições e formas de resistência.

Essa ideia também está na relação entre Saulo e Justo. No início, existe uma fronteira muito evidente entre os dois, não apenas de nacionalidade ou origem, mas de visão de mundo. Existe inclusive um preconceito estrutural nessa relação. À medida que avançam pela estrada e passam a dividir a intimidade da boleia do caminhão, essas fronteiras começam a se desfazer. Eles compartilham o espaço, o cotidiano, os sonhos e as fragilidades, até que aquilo que os separava deixa de ser mais importante do que aquilo que os aproxima.



Por isso, buscamos filmar a América Latina não como uma sucessão de países ou paisagens exóticas, mas como um território humano, histórico e afetivo que antecede e ultrapassa suas fronteiras políticas. Saulo e Justo carregam experiências muito distintas, mas são também personagens-símbolos de formas de resistência que atravessam a história latino-americana. Nesse sentido, são essas “veias abertas” de Galeano que percorremos com eles ao longo do filme.

# Entrevista

***A relação entre os três protagonistas vai se transformando ao longo da viagem. Como foi trabalhar com os atores para construir essa intimidade e essa sensação de uma família improvável que se forma na estrada?***

A própria composição do elenco já trazia encontros muito distintos. Tínhamos César Troncoso, um grande ator latino-americano, com uma trajetória extraordinária no cinema, ao lado de dois jovens que nunca haviam atuado em um filme: Luan, um jovem Guarani Kaiowá de 17 para 18 anos, e Ivana Gomes, que tinha apenas 15 anos. Então, antes mesmo de pensarmos nos personagens, existiam ali três experiências humanas e profissionais muito diferentes que precisavam se encontrar.

Eu tenho uma maneira muito particular de pensar a direção de atores. Para mim, um personagem não existe completamente antes do encontro com quem vai interpretá-lo. Existe o personagem escrito, mas, se eu escalo um ator ou outro, ele inevitavelmente se transforma, porque cada pessoa chega ao filme com seu próprio material humano, sua história, seu corpo, suas ferramentas e sua maneira de estar no mundo. Meu trabalho passa muito mais por observar essa verdade e incorporá-la ao filme do que por tentar impor ao ator uma ideia fechada que nasceu no roteiro.

Em *A Pele Morta*, isso foi fundamental, principalmente com Luan e Ivana. Em vez de exigir deles procedimentos próprios de atores experientes, procuramos humanizar o processo e permitir que trouxessem para Saulo e para a personagem de Ivana muito daquilo que já existia neles. E os personagens acabaram se transformando a partir desse encontro.



Nesse processo, César teve um papel muito bonito. Ele acolheu profundamente os dois. Estava junto, brincava, criava intimidade e, sobretudo, se permitia ser poroso ao frescor e à juventude que eles traziam. Não era uma relação em que o ator experiente simplesmente ensinava aos mais jovens como atuar.

# Entrevista

Havia uma troca. César oferecia sua experiência, mas também se deixava transformar por eles. Acho que uma parte muito importante da beleza que Luan e Ivana têm em cena nasce desse encontro.
A própria ordem das filmagens nos ajudou. Na medida do possível, filmamos cronologicamente: começamos em Dourados, na aldeia, acompanhando Saulo, e depois seguimos a viagem em direção ao Paraguai. Assim, enquanto os personagens iam criando intimidade na estrada, os próprios atores também iam se conhecendo, ganhando confiança e se soltando diante da câmera. De certa forma, a relação que vemos nascer no filme também estava nascendo durante a filmagem.

E esse talvez seja um dos aspectos de *A Pele Morta* de que mais gosto. Dentro daquela boleia, em algum momento, deixamos de enxergar três pessoas de origens, idades e experiências tão diferentes e começamos a enxergar uma família. Uma família improvável, provisória, formada pela estrada. Para mim, a relação entre Saulo, Justo e a personagem de Ivana, e a verdade que os três atores conseguiram construir juntos, é uma das coisas que melhor sintetizam o filme.

***Depois de toda a trajetória do projeto e da experiência de realizá-lo, como você define A Pele Morta hoje: é um filme sobre deslocamento, sobre pertencimento, sobre memória ou justamente sobre a impossibilidade de separar essas coisas?***



Para mim, A Pele Morta é, sobretudo, um filme sobre território e pertencimento. Sobre compreender que o território ao qual pertencemosm seja ele geográfico, afetivo ou íntimo, ocupa um lugar muito profundo, quase sagrado, na construção de quem somos.

# Entrevista

E o filme trabalha com diferentes dimensões desse território. Existe a própria América Latina, esse espaço contínuo que os personagens atravessam e que procuramos olhar para além das fronteiras nacionais. Existe o território de Justo, com sua história e seus vínculos. E existe, de maneira muito forte, o território de Saulo, que começa o filme em sua aldeia e parte acreditando que precisa ir embora para transformar a própria vida.

A trajetória de Saulo talvez sintetize isso de maneira muito bonita. Ele percorre uma longa estrada até compreender que a transformação que buscava fora precisava acontecer também dentro dele e na relação com o lugar de onde veio.

Por isso, seu movimento termina por se tornar um movimento de retorno. Há no filme essa imagem da estrada como o corpo ou a cauda de uma cobra: Saulo percorre esse corpo, troca de pele e volta transformado. É a própria metáfora de *A Pele Morta*: abandonar uma pele não significa abandonar aquilo que somos. É possível transformar-se e continuar pertencendo.

A personagem de Ivana vive essa questão de outra maneira. Sua viagem é movida pela busca de um vínculo familiar, mas, ao longo do caminho, ela também precisa compreender que sua existência não pode permanecer suspensa em função dessa busca. Há um momento em que seguir vivendo passa a significar reconhecer qual é o seu próprio território e assumir a própria trajetória. No fundo, os três personagens estão procurando alguma forma de pertencimento. Cada um parte de uma ausência,



de um deslocamento ou de uma expectativa diferente, e a estrada faz com que essas buscas se encontrem. Talvez por isso eu não consiga separar completamente deslocamento, memória, território e pertencimento dentro do filme. É preciso se deslocar para descobrir onde se pertence; é preciso trocar de pele para compreender aquilo que permanece.

# Entrevista

Hoje, é assim que eu vejo A Pele Morta: como um filme sobre pessoas que atravessam territórios e fronteiras enquanto tentam reconhecer o lugar, no mundo e dentro de si mesmas, ao qual verdadeiramente pertencem.

***Se Geraldo pudesse assistir ao filme pronto hoje, qual seria a primeira coisa que você gostaria que ele percebesse na obra que vocês realizaram?***

Eu gostaria, antes de tudo, de saber se ele reconheceria o filme como seu. Se olharia para a maneira como filmamos, para as escolhas que fizemos, e sentiria que aquele era também o caminho que ele teria seguido.
Porque esse foi o nosso grande exercício desde o início: tentar deslocar o nosso olhar para compreender como Geraldo filmaria *A Pele Morta*.

Evidentemente, eu e Denise somos outras pessoas, temos nossas próprias experiências, sensibilidades e maneiras de fazer cinema. Seria impossível simplesmente reproduzir o olhar dele. Mas era fundamental para nós preservar não apenas o seu DNA, mas construir uma obra que pudesse dialogar verdadeiramente com os outros filmes que ele realizou.
E, quando assisto a *A Pele Morta* hoje, sinto que esse diálogo existe. Reconheço no filme algo da forma como meu pai olhava para as pessoas, para o interior do Brasil, para a América Latina, para as relações humanas. Isso, para mim, é muito emocionante.
Então acho que, se pudesse sentar ao lado dele depois de uma sessão, eu não teria uma afirmação para fazer. Eu teria uma pergunta: “Pai, você se reconhece nesse filme? Você se sente representado como diretor perante a forma que realizamos a obra?”

Talvez a resposta dele fosse, para mim, a medida mais profunda de termos conseguido cumprir a missão que recebemos.

“



”

Borboletas
Filmes

Distribuição
borboletasfilmes@gmail.com